

XXIX Encontro Anual da ANPOCS
25 a 29 de outubro de 2005

Grupo de trabalho: Pensamento Social no Brasil

A Experiência Inglesa de Joaquim Nabuco

Angela Alonso

Outubro de 2005

A Experiência Inglesa de Joaquim Nabuco

Angela Alonso*

I - Interpretações sobre Nabuco

Nabuco é destas figuras símbolo de uma época, o Brasil de fins do Império. À sua imagem meio épica, de herói abolicionista, portador de um projeto de reformas que não se consumou, soma-se o galã, um dos homens mais charmosos de seu tempo. Esta alquimia deu o mito que a literatura não cansou de incensar.

Os estudos sobre Nabuco, grosso modo, compõem duas linhagens: as biografias e as interpretações sobre suas idéias.

No primeiro caso, enfileiram-se muitos escritos encomiásticos (por exemplo, Graça Aranha, 1915; Coelho, 1922; Vieira, 1949). Os melhores nesta linha biográfica são o de Luiz Vianna Filho (1973) e o da filha, Carolina Nabuco (1929). Este último é a matriz de informações para praticamente todos os estudos posteriores, que repetem suas citações de documentos e cartas e, em linhas gerais, obedecem à sua interpretação pacificadora da figura do pai. Carolina corrobora a reconstrução que Nabuco fez da própria trajetória em *Minha Formação* (1900)¹, durante os primeiros anos da vida na República, já sob a neblina atenuadora e pasteurizante do memorialismo, num tempo no qual as discórdias mortais entre liberais e conservadores, católicos e livre-pensadores, já se tinham se esfumado sob a divisão mais potente entre republicanos e monarquistas. Politicamente derrotado, as memórias de Nabuco - assim como a biografia de seu pai - tem por intuito acertar contas com os republicanos, ressaltando as qualidades civilizatórias da monarquia. O livro da filha, seguindo o do pai, omite e, mesmo, reinventa dimensões de sua figura e de seu tempo. Além disso, exprime uma censura familiar. Ficam devidamente silenciadas, por exemplo, a vida afetiva exuberante de Nabuco. De outro lado, o anticlericalismo aguerrido do jovem Nabuco se dissolve na sombra do católico fervoroso da velhice - o mesmo, aliás, que internou Carolina numa escola de freiras na Inglaterra. Ficam, portanto, na sombra dimensões privadas da figura e, dessa maneira, obscurecidas também certas opções públicas, impasses e contradições que Nabuco viveu.

* Professora do Departamento de Sociologia da FFLCH-USP e pesquisadora do Cebrap.

¹ Nesse livro, Nabuco seleciona momentos decisivos de sua trajetória: a infância na família patriarcal escravista; a conformação do gosto intelectual; a definição das preferências políticas e o momento áureo de sua carreira; a campanha abolicionista. Em *Escritos e Discursos Literários* (1901), publicado no ano seguinte, a periodização ganha tônicas: até 1888, abolicionista; de 1888 a 1894, monarquista; a partir de 1893, religioso; de 1894 a 1898, dedicado a registrar a vida do pai.

As interpretações sobre a obra de Nabuco também são numerosas e se dividem em dois grandes grupos. As que privilegiam *O Abolicionismo* reconstróem um crítico da formação patrimonial e escravista brasileira. Nabuco como “pensador radical” alimenta uma tradição de estudos que vem desde Beiguelman (1967) até o competente trabalho de Marco Aurélio Nogueira (1984). Nesta via, os escritos de Nabuco são tomados como lente para a leitura das contradições do Brasil oitocentista, sobretudo das incompatibilidades e tensões entre escravidão e capitalismo. Os textos de Nabuco são vistos, sob essa ótica, como uma espécie de sociologia brasileira, cuja perspectiva permitiria explicar a lógica da sociedade imperial. Na outra ponta estão os trabalhos que privilegiam *Um Estadista do Império*. Daí decorre uma vasta linhagem da “historiografia tradicional” que segue Nabuco no elogio da monarquia como ícone de estabilidade e civilização e lamenta o “ocaso do Império” e o desaparecimento dos grandes homens públicos – caso de Oliveira Vianna (1925).

Estudos recentes têm aprofundado a análise dos textos de Nabuco, como Carvalho (1998) e Salles (2002). Este último acentua a imagem de “pensador do Império”, que é o título do próprio trabalho. Porém, à diferença das análises anteriores, Salles, inspirado em Gramsci, aponta a situação de “intelectual tradicional” de Nabuco, ao mesmo tempo crítico e comprometido com o status quo imperial. Há também novas análises acerca da experiência social de Nabuco, por meio de seu memorialismo (Araújo, 2004). Todavia, não há trabalhos de investigação original sobre a trajetória e as reflexões de Nabuco relacionando-a com seu contexto sociopolítico. Embora esse programa tenha sido muitas vezes enunciado, de modo geral os estudos novos recorrem aos antigos como sua fonte principal ou bebem da própria narrativa construída por Nabuco. Assim, as interpretações acabam parciais e unilaterais, com foco ou na biografia de Nabuco, ou em seus textos. Os estudos biográficos tendem a se concentrar no personagem, perdendo de vista a vida social na qual ele se situava. De outra parte, as interpretações que usam os textos de Nabuco para desvendar as características estruturais da sociedade brasileira oitocentista, sobretudo as transformações econômicas e sociais, fazem desaparecer o nível do indivíduo, com seus motivos, experiências e projetos.

O objetivo aqui é juntar as duas pontas: encarnando as idéias no homem que as concebeu, mas, concomitantemente, repondo tanto o pensamento quanto o personagem no redemoinho de tensões vivenciadas pela elite brasileira oitocentista. Tomando a trajetória de Nabuco como matéria-prima, é o nível da experiência social da modernização brasileira de fins de oitocentos, os impasses, tensões e conflitos que este processo gera no ativismo político, e nas formas de pensar, na sensibilidade, que este estudo privilegia.

As interpretações sobre Nabuco em boa medida absorvem a lógica biográfica, fiando-se nas narrativas do próprio Nabuco ou de sua filha. Para fugir desse trilho, a pesquisa direta de fontes primárias se torna indispensável. Optei aqui por tomar como base empírica principal a vasta correspondência de Nabuco². Embora as cartas também embutam certa autoconstrução de si e dos eventos que perpassam a biografia de Nabuco, nelas a experiência aparece ainda desalinhavada, dispersa, sem um fio que lhe dê rumo e univocidade. Por isso, me aparece estar aí a fonte mais confiável para reconstruir as conexões da trajetória individual de Nabuco com os processos estruturais da sociedade imperial.

II – O projeto

Este trabalho segue a abordagem de Norbert Elias, tanto em seu argumento geral sobre a construção simultânea e por rebatimento da estrutura da sociedade e do indivíduo no Ocidente, quanto em suas estratégias analíticas num estudo de caso. Tomando a biografia de Mozart, Elias (1991:15-16;28;18) argumenta que o conflito entre “os valores e ideais aristocráticos da corte e os dos estratos burgueses (...) ocorria também no interior de muitos indivíduos”. Para entender esta dimensão da mudança social não adianta recorrer a macrocategorias; é preciso, antes, “traçar um quadro claro das pressões sociais que agem sobre o indivíduo”, o que só é possível pela reconstrução da experiência social vivida por um indivíduo particular.

Todavia, não se trata aqui de percorrer a vida de Nabuco procurando nela um sentido. Isto significaria resvalar para a “ilusão biográfica”³, isto é, assumir que preferências, opções e decisões se acumulam coerentemente, numa direção voluntariamente escolhida. Processos e estruturas sociais ganham sentido como experiências individuais, porém, no mais das vezes colidem no interior dos indivíduos, gerando mais destinos caóticos que histórias progressivas. As escolhas são estrangidas por circunstâncias. A trajetória expressa as volições, os desejos, as expectativas do indivíduo, que puderam se constituir e se materializar na estrutura de oportunidades de seu grupo social e de seu tempo. Expressa, pois, um conjunto de escolhas, não dentre todos os caminhos possíveis, mas dentre o conjunto de linhas de ação disponíveis àquele agente. É deste ângulo que este trabalho pretende reconstruir a trajetória de Nabuco: a partir dela

² Até o momento, 520 cartas foram selecionadas para essa pesquisa: 242 cartas da correspondência ativa de Joaquim Nabuco editadas por Carolina Nabuco em 1949 sob o título *Cartas a Amigos* (e identificadas aqui como CA) e 278 cartas inéditas da correspondência ativa e passiva de Nabuco depositadas no arquivo da Fundação Joaquim Nabuco, no Recife.

³ Isto significa pressupor que “(...) que a vida é uma história (...), um deslocamento linear, unidirecional (...), que tem um começo (...), etapas e um fim, no duplo sentido, de término e finalidade (...). Isto é aceitar tacitamente a filosofia da história (...)” (Bourdieu, 1996:183).

trata-se de evidenciar tensões e processos que transcendem o indivíduo, mas que ganham concretude e tornam-se visíveis apenas e tão somente através dele.

Mais especificamente, a análise em profundidade da trajetória de Joaquim Nabuco visa evidenciar as tensões e impasses coletivos vividos por sua geração na transição da sociedade tradicional para a moderna no Brasil. Três planos são privilegiados: o estilo de vida, o ativismo político, as formas de pensar. Em todos eles Nabuco expressa as características de um personagem de transição. Em cada um deles as tensões presentes no processo de modernização da sociedade brasileira se exprimem como dilaceramento existencial em Nabuco, moldando sua sensibilidade, sua carreira e seus escritos.

Tais planos serão reconstruídos a partir dos períodos de “experiência inglesa” de Nabuco: suas estadias em Londres, nas décadas de 1870, 1880 e 1890. O primeiro período (1874, 1878) diz respeito aos anos de formação de Nabuco, e se resume à sua socialização no estilo de vida aristocrático inglês, à assimilação dos traços psico-sociais e os hábitos estéticos e sociais que a compõem. A viagem de estréia é a do flâneur, que circulou não só pela alta sociedade londrina, como pela americana e francesa. O jovem Nabuco se deslumbrou com os salões londrinos, tornando-se assíduo freqüentador da vida elegante da cidade e construindo fama de cortejador. O centro nervoso da cidade para Nabuco foi a residência do embaixador brasileiro, Penedo, onde tomou contato com a aristocracia local. Sua atividade intelectual se concentrou na literatura, especialmente em tentativas de poesia, através das quais expandia galanteios.

Na reconstrução desse período, esse trabalho enfoca a tensão entre os padrões aristocráticos de uma sociedade de corte, que Nabuco tanto prezava, e o impulso burguês em direção ao individualismo e à liberdade de escolha na vida privada, rompendo com a tradição. Este conflito é intensamente vivenciado pelo jovem Nabuco em duas decisões de ordem privada: a definição da carreira e o casamento.

A segunda estadia na Inglaterra (1881-4, 1887-1888) abrange o processo de conversão de Nabuco de cortesão em ativista político. Este “exílio voluntário” é seu período politicamente formativo, quando estabelece uma rede de contatos com a elite política inglesa, especialmente com os membros da Anti-Slavery Society, e se socializa nos padrões de ação política ingleses. Nabuco trabalha então como correspondente do *Jornal do Comércio* e se dedica à propaganda política. É no Museu Britânico e em Brighton, sede da Anti-Slavery Society, que sistematiza sua plataforma de reforma social à luz do repertório europeu em *O Abolicionismo*. Entre 1884 e 1888, retornado ao Brasil, vive o período áureo de sua trajetória, que se confunde com a história do Império: a campanha abolicionista. As estratégias políticas que então usou vieram da

Inglaterra: visitando o interior do país em comícios, e inflamando a população em conferências na Corte e no Recife. Seu grupo político, os “novos liberais”, foi apelidado pelos adversários de “Ingleses do Sr. Dantas”, em referência aos pseudônimos de reformistas britânicos que usavam em seus artigos de apoio ao gabinete abolicionista de Souza Dantas.

A experiência inglesa assimilada por Nabuco nesse momento diz respeito, pois, a padrões reformistas de pensamento e ação política. Neste plano, Nabuco oscila entre a tradição patrimonial do sistema político brasileiro e o impulso rumo às formas democratizantes de organização política e à expansão da cidadania, em ascensão na Inglaterra. Esta tensão se expressa particularmente nas oscilações em sua carreira pública como político, andando no meio fio entre a ruptura e a continuidade para com a política aristocrática.

A terceira dimensão da trajetória de Nabuco abarcada na pesquisa é sua produção intelectual, quase toda publicada depois do golpe republicano. Nos anos 1890 (1890-2) Nabuco retornou a Londres, efetivamente exilado: monarquista despejado pela República triunfante. Esse é o tempo de reflexões políticas, incertezas financeiras e fixação sentimental. Nabuco se torna simultaneamente intelectual, religioso e chefe de família. O casamento foi uma tentativa malograda de assegurar patrimônio a um Nabuco falido. A bancarrota econômica e a derrota política o levam de volta a Londres. É agora a cidade das igrejas. Nabuco reencontra a religiosidade infantil e se consola no catolicismo. Nesse espírito se produz o memorialista. Nabuco faz as pazes com o Império morto através de um grande exercício intelectual: redigindo uma elegia da política aristocrática e do Império, na forma da biografia de seu pai - *Um Estadista no Império* (1897-1899). É também quando produz a imagem que quis gravar para a sua trajetória numa precoce autobiografia: *Minha Formação* (1900). Nesta fase de desilusão política e amorosa, Nabuco opera a repressão do dândi e do reformista político, em favor de uma reconciliação com uma tradição imperial idealizada. De uma parte, registrando-a numa historiografia facciosa do Império; doutra, resgatando-a no plano da sensibilidade, pelo retorno ao catolicismo familiar. Tudo isso resulta numa acomodação pessoal, intelectual e política ao tradicionalismo.

Cada uma destas três fases põe holofotes numa dimensão da biografia de Joaquim Nabuco, mas também permite ver através do indivíduo as dimensões da mudança pelas quais passava a sociedade brasileira em fins do século XIX. Por meio da trajetória de Nabuco vislumbram-se três tensões constitutivas do processo de transição da sociedade tradicional para a moderna no Brasil. Primeiro, entre padrões familiares da sociedade de corte, prezados pela elite por espelharem a Europa, e o individualismo emergente com a incipiente modernização burguesa.

Segundo, entre as formas democratizantes de organização política, com a expansão da cidadania, que era o movimento ocidental do período, e a tradição hierárquica, patrimonial, do sistema político brasileiro. Terceiro, entre os valores laicos e científicos do mundo moderno, institucionalizando-se na Europa, e a tradição conservadora, católica.

As idas a Londres operam uma espécie de marcação da biografia de Nabuco, ressaltando as fases de sua carreira político-intelectual e iluminando diferentes facetas de sua figura, Em suas experiências sociais, trajetória política e em seus escritos se expressam os impasses típicos da transição da sociedade tradicional para a moderna no Brasil.

A pesquisa visa abarcar as três dimensões sucessivamente. Por hora, ofereço apenas uma reconstrução dos anos de formação de Joaquim Nabuco.

III - Dândi

“acima de quaisquer partidos está a *boa sociedade*.” (Nabuco, 1900:54-5)

“que hei de dizer depois do fato consumado? (...) Enfim, o que está feito está feito, mas erraste.” (Carta de Nabuco de Araújo a Joaquim Nabuco, 10/06/1874). Com o juízo do pai ressoando na cabeça, Joaquim Nabuco desceu em Victoria Station. Chegava à Inglaterra vindo de navio desde a França e de trem a partir de Folkestone. Viajava pela Europa há quase um ano, despendendo meses em Paris, tendo atravessado a Itália, de Gênova a Nápoles, e passado por Genebra. Ao longo do caminho dilapidara sua pequena herança e deixara escapar um dos maiores dotes brasileiros do século.

Foi de noivado rompido que Joaquim Nabuco, ou ainda mais simplesmente Quinquim, conheceu finalmente a capital do Império Britânico: “Quando pela primeira vez desembarquei em Folkestone, entrando na Inglaterra, (...) avistei (...) da janela do wagon, por uma tarde de verão, o tapete de relva que cobre o chão limpo e as colinas macias de Kent (...). A curiosidade de peregrinar estava satisfeita, trocada em desejo de parar ali para sempre”.(Nabuco, 1900:106).

1. A cidade de Londres

A Londres que Nabuco conheceu em agosto de 1874, quando completou seus 25 anos, já era uma megalópole: maior porto do mundo, com população étnica e socialmente heterogênea, que dobrara em 30 anos, e alcançava 3 milhões e 250 mil habitantes, duas vezes a população de Paris (Taine, 1871:17).

A cidade, que crescia sem planejamento, era escura e fétida. Os bicos de gás das lojas, obstados pela fumaça das indústrias e casas, não venciam o fogo e tornavam o céu cinza, de vapor e fuligem. O trânsito pelas ruas da metrópole era uma experiência física: o mau cheiro de esgotos a céu aberto adentrava as narinas enquanto a lama das ruas ameaçava a indumentária. Já os ouvidos se enchiam com o barulho de obras, com os gritos dos cocheiros e os assobios de passageiros em busca de um táxi. O costume dos pedestres andarem à direita e os carros à esquerda não punha as pessoas a salvo, dada a ausência de calçadas e a supremacia de veículos: as ruas estavam tomadas por 1.200 ônibus, 1.800 cabs e 3 mil fiacres e “hansom-safety cabs” (carros com rodas altas e cocheiro atrás). Predominavam os veículos pequenos de tração animal: carruagens, cupês, vitórias, landaus, para os ricos, e bus e taxi-cabs, mais populares. Circulavam ainda carroças de alimentos, quase sempre rumo ao mercado de Covent Garden.

A multidão e a balbúrdia tinham por cenário uma cidade em obras. Ao longo da segunda metade do século XIX, Londres passava por uma grande mudança urbana, num programa permanente de demolição e construção. Enquanto a ferrovia se alastrava, ligando a capital com os maiores pólos do país, as indústrias se suburbanizavam e as prisões deixavam a cidade. Durante o reinado de Vitória, o investimento público gerou novas ruas, alargamento das antigas, construção da rede de esgotos (concluída em 1873), bem como da malha de metrô e trens. Tudo isso alterou o traçado urbano e transformou a vida econômica e social dos londrinos.

A arquitetura dessa Londres era dominada por sobrados de tijolos vermelhos e pequenas janelas, que conviviam com novas construções góticas, de que o Parlamento é o exemplo característico. A novidade abrindo a segunda metade do XIX foi o Palácio de Cristal, construído para sediar a exposição colonial de 1851. Incrustado no Hyde Park, o edifício era todo de ferro, tendo por cume um grande domo de vidro⁴. Mas a expansão da técnica não destruiu o gosto inglês pelo bucólico. Parques e praças pontuavam a cidade. O Regent’s Park era isolado e calmo, e no Saint-James Park haviam ainda vacas pastando na grama (Taine, 1871:20).

O coração pulsátil do dinamismo econômico e financeiro de Londres era a City. Ali estavam os negócios, as sociedades por ação e a Royal exchange, a bolsa de comércio, com seu imponente edifício de pedra em colunata coríntia. A Lloyd’s, centro internacional de comércio marítimo, estava lá, como lá estavam os bancos, os escritórios de advogados e contadores, sociedades comerciais, firmas particulares, lojas e edifícios públicos (Plessis et alli, 1990:153ss). O movimento se espalhava pelas grandes ruas comerciais, como Picadilly e Regent Street.

⁴ O Palácio de Cristal foi talvez a edificação mais polêmica dessa leva: festejado pela engenharia emergente como maravilha da tecnologia moderna e abominado pelo Times como “dam ugly” (Marx, 1990:27).

A Londres que Nabuco conheceu era esta cidade em transição: perdendo centralidade como pólo industrial e se firmando como grande centro de negócios, trocando os cavalos pelo metrô, se remodelando urbanisticamente.

2. O Belo

“Vi-o pela primeira vez em Londres, (...). Era ele branco alvíssimo (...), nas suas delicadas feições, de rara beleza varonil, parecia europeu (...)”. (Coelho, 1922: II:9). Era “alto, esbelto e gracioso, (...) rasgados e sombrios olhos, (...) a voz musical” (Graça Aranha apud Nabuco, 1929:163). Apesar de seu metro e oitenta e seis de altura (Viana Fo., 1973:27), era “bem proporcionado, a cabeça e o rosto de uma pureza de linhas escultural (...)” (Celso Jr.,1901:150). E charmoso: andava com “passos amplos, o sorriso nos lábios” exibindo sua “beleza máscula” (Conde de Prozor apud Nabuco, 1929:170). “Consistia um dos seus movimentos habituais em meter as mãos nos bolsos das calças ou então em enfiar dois dedos da mão direita na algibeira do colete (...) [com um] ar de desembaraço e petulância”. (Celso Jr.,1901:150). Este era Joaquim Nabuco, aos 25 anos, quando conheceu a Inglaterra.

Côncio da impressão que seu porte causava, Nabuco se fizera vaidoso na adolescência. O gosto veio, em boa parte, de casa. Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo cresceu numa família bem estabelecida no mundo social do Segundo Reinado. Seu avô paterno fora deputado e senador. Mas seu pai, José Thomás Nabuco de Araújo, efetivamente consolidara a carreira pelo casamento com uma Suassuna, família aliada dos Cavalcanti, a grande oligarquia pernambucana. No ano mesmo do nascimento de Joaquim, 1849, Nabuco de Araújo fora reeleito deputado e, ao longo de sua infância e adolescência, tornar-se-ia consecutivamente presidente da província de São Paulo (1851); três vezes ministro da justiça (1853-7;1858-9;1865-6), senador (a partir de 1857) e conselheiro de estado (a partir de 1866).

Embora o Recife fosse a origem, a carreira política do pai situou a família na capital do Império e encaminhou naturalmente os filhos para a socialização nos hábitos da sociedade de corte. O próprio Nabuco de Araújo era vaidoso, andando no auge da moda. Na casa do Catete e, a partir de 1860, na de três andares da Rua Princesa, no Flamengo, D. Anna Benigna, mulher enérgica, de pequena estatura, dava recepções e freqüentes saraus, nos quais Joaquim, quarto de seus cinco filhos, foi aprendendo por observação os maneirismos da sociabilidade oitocentista brasileira.

O período em que, à maneira das boas famílias, Joaquim esteve internado no principal colégio secundário da época, o Pedro II, seguramente contribuiu para sua formação como

cortesão. O uniforme que usou entre os 10 e os 15 anos consistia numa casaca verde, completada por uma cartola alta. Além do esmero no vestir, o internato não despertou no jovem Joaquim nem talento para os esportes, nem interesse pelos estudos - nunca passou de aluno mediano das turmas em que Rodrigues Alves sistematicamente tirava o primeiro lugar. Em compensação, explorou o outro veio socialmente valorizado: no Pedro II, veio à luz um Joaquim poeta. Carregando sempre seus poemas numa pasta, ganhou dos colegas o apelido de “cavalo de Tróia” (Viana Fo.,1973:21). A iniciativa foi apoiada pelo pai, que fez editar em luxo, ainda em 1864, um poema em que o filho o homenageava - *O gigante da Polônia*. O pendor para o laudatório prosseguiu nos anos de colégio. Em 1865, Joaquim leu diante dos imperadores, em sessão da Arcádia Fluminense, *Uruguaiana*, uma ode aos vencedores da batalha de Riachuelo. Em crônica comentando esses arroubos literários, um amigo de seu irmão Sizenando, também ainda em início de carreira, incentivava: “Tem o direito de contar com o futuro.” (Machado de Assis, *Diário do Rio de Janeiro*, 31/01/1865). Em resposta, orgulhoso, afirmou: “(...) de uma certa idade em diante pretendo me não mais aplicar à poesia; (...) para me ir alistar na fileira dos mais medíocres apóstolos do positivismo, e das crenças exatas (...)” (Carta de Joaquim Nabuco a Machado de Assis, 01/02/1865, CA.). Promessa jamais cumprida. Os versos seguiram sendo, desde aí, um recurso a que Joaquim constantemente recorreu em suas investidas de galanteador – e a mania de lê-las ao próximo perduraria até a velhice.

Na Faculdade de Direito, que socializava a elite imperial para a carreira política, Joaquim passou também por um processo de refinamento do gosto. Chegando em São Paulo, em 1866, foi organizar casa nova. A mudança abriu espaço para as futilidades domésticas, comprando ele próprio mobília, louça e roupas, assunto constante em suas conversas com os amigos. A cidade, acanhada em relação à Corte e ao Recife, confinou Joaquim ao circuito da própria Academia. Como todos os estudantes de fora da cidade, foi morar no bairro da Consolação e sua vida social passou a gravitar o mundo acadêmico. Assim conheceu o sergipano Sancho de Barros Pimentel, desde aí um de seus melhores amigos durante os anos de juventude. Já os estudos continuaram sendo objeto de atenção muito secundária de Joaquim⁵, aliás, como da maioria dos estudantes das faculdades imperiais, que preferiam se envolver em associações literárias e ingressar nas atividades dos partidos. Joaquim seguiu, como faziam todos os seus colegas, a cometer literatices, como a peça *Os Destinos* (1868).

⁵ Ao longo de todo o curso de direito, sobreviveu com a sofrível “aprovação plena”, dependendo às vezes da proteção do pai para passar de ano: “para a nota do último, que era Joaquim Nabuco,(...) se lhe queria dar a menor, no grau de habilitação. Contrariado, declarou o conselheiro Avellar Brotero: “que explicação havemos de dar ao senador, o pai do rapaz?” (Coelho, 1922: 23).

Já no terceiro ano do curso, seguro de seus dotes pessoais, Joaquim despontava como um dândi em todo o esplendor de seus 20 anos. Três influências se combinaram para consolidar Joaquim como “o Belo”. A primeira delas era caseira. O irmão Sizenando, 7 anos mais velho, deputado eleito em 1867, era já um homem do mundo. Experiente das cidades e das mulheres foi o guia principal do irmão mais moço no mundo dos salões da Corte e de Petrópolis. Por seu intermédio, Joaquim conheceu a atriz Ristori, então grande musa, e ingressou, deslumbrado, no mundo da sedução.

Se Sizenando dizia aonde ir, seu novo amigo, Arthur Carvalho Moreira, foi quem lhe disse como. Filho do barão de Penedo, embaixador brasileiro em Londres, Arthur fora formado no gosto da corte inglesa, onde vivera até os 17 anos. De Londres, trouxera refinamento no vestir, preocupação com a etiqueta e um desmesurado apreço pelo conforto. Joaquim se aproximou dele no Recife, para onde se transferira junto com o amigo Sancho, no último ano de faculdade. Arthur tinha em casa um escravo doméstico e um piano. Assim começou a socialização de Joaquim no estilo inglês.

Arthur era a personificação de modelos de dândis que os romances românticos vinham difundindo. A terceira fonte de Joaquim foram ao menos dois deles, lidos nesse ano de 1869: *Mademoiselle de la Seiglière* (1848), de Jules Sandeau, e *Monsieur de Camors* (1867), de Octave Feuillet. Deste último, o romântico da moda, vinha o estado de espírito do moço por esses tempos: “Je voudrais découvrir un monde, sauver une nation, aimer une reine! Je ne conçois que des ambitions ou des amours illustres (...)”.(Feuillet, 1867:13). Camors era o perfeito dândi, modelo de etiqueta e galanteio, que Nabuco seguia fielmente.

O estilo dândi se constituía na Europa em meados do século. Era uma maneira de se auto-apresentar que começava pelo esmero no vestir. O traje típico eram calças apertadas, casaco de caça estilizado, em tecido liso e cores primárias, colete e uma indefectível gola alta na nuca, firmada por um lenço em forma de plastron (Laver,1989:158,160). Completava o quadro uns cabelos curtos despenteados, cartola e bengala. A extravagância nas roupas masculinas foi diminuindo ao longo do século XIX. Durante a juventude de Nabuco os homens tinham sido restringidos a roupas de cores mais sóbrias e padronizados em calças apertadas, um plastron discreto e cartola, com fraque e a capa para a noite e sobrecasaca como vestimenta diurna. (Laver, 1989:161;168).

Embora a moda propriamente dândi tenha caído em desuso, o termo permaneceu descrevendo o excesso de zelo com a vestimenta. Um dândi, na segunda metade do século XIX, era um chic vaidoso. Seu toque diferencial permaneceu na especial atenção aos acessórios: luvas,

gravatas, echarpes. Era aí que o filho mais moço de Nabuco de Araújo se integrava à categoria. Ao final de 1869, andava de flor na lapela e pulseira de ouro: "(...) nunca deixava de se trajar com o apurado rigor, a ponto de, por vezes, mandar o criado da 'república' procurar pela cidade a mais linda rosa, afim de trazê-la na botoeira, em que sempre tinha, no verso, um pequeno cálice de água, para conservar o viço da flor. (...)." (Sancho de Barros Pimentel apud Coelho, 1922: 24-25). E foi por isso que ganhou de seus colegas invejosos o apelido de Quincas, o Belo.

O dandismo, todavia, não se restringia à indumentária. Era um estilo de vida: "De origem britânica e essência aristocrática, o dandismo toma a distinção como o próprio princípio de seu funcionamento. (...) exacerba a diferença numa sociedade que tende à massificação. (...). Anti-igualitário, ele gostaria de recriar uma aristocracia que certamente não seria a do dinheiro ou a da linhagem, mas a de um temperamento - 'nasce-se' dândi - e de um estilo. (...). O dandismo representa uma forma ainda mais consciente e elaborada de recusa da vida burguesa (...)". (Perrot & Martin-Fugier, 1991:296). Nesse sentido mais profundo Nabuco também se enquadra nessa classe, com sua adesão emotiva ao mundo aristocrático, seu apego à hierarquia nobiliárquica, sua verdadeira devoção pela sociedade de corte, como reconheceria mais tarde: "(...) o que me impediu de ser republicano na mocidade foi, muito provavelmente, o ter sido sensível à impressão aristocrática da vida." (Nabuco, 1900:124).

3. A sociedade de corte

Seus dotes naturais, acrescidos do "olhar meio terno, o bigode artisticamente cofiado, ostentando os requintes da última moda nos exageros de um *incroyable* (...)" (Pinho, 1959:144), fizeram de Joaquim um partido desejado. Recitava madrigais às moças e ganhava fama de sedutor, como seu amigo Juca Paranhos, o filho do então todo-poderoso chefe de gabinete Visconde do Rio Branco. Mas, enquanto o futuro barão do Rio Branco se enveredava pelo mundo boêmio, inominável diante das boas famílias, Joaquim se fez "o rei dos salões" (Pinho, 1959:143).

A corte brasileira era pouco exuberante. D.Pedro II era avesso à vida mundana. Um tanto quanto indiferente em política e francamente desinteressado da economia, o imperador tampouco se voltou para a sociabilidade. Mesmo jantares eram raros no Paço. A Corte de Pedro II foi sempre imersa numa "meia melancolia" (Pinho, 1959:128), o que levou Ramalho Ortigão (apud Pinho, 1959:135) a afirmar que "Pelo seu exemplo [o imperador] estragou quanto pôde a arte de conversar, a de vestir, a de receber, a de jantar, (...) a de mobiliar um salão (...)."

Descontando-se a antipatia republicana do comentarista, é certo que a corte de Pedro II tinha hábitos muito singelos, cultivando mais os pequenos saraus que os grandes bailes. Era o que se replicava em Petrópolis. Da mesma maneira que os aristocratas londrinos iam tomar ares no litoral de Brighton no verão, a corte carioca se transplantava para a serra na chegada dos “calores”. Em Petrópolis, vigorava uma etiqueta simples: a família imperial convivia com a boa sociedade na estação de trem, nas duchas, no hotel Orleans, nas exposições e nos bailes do Palácio de Cristal, que o príncipe consorte fizera erigir para Isabel nos moldes do original inglês do Hyde Park.

Por inclinação pessoal, D. Pedro, como a rainha Vitória, transferira parte das atividades festivas para os príncipes herdeiros. Isabel e o Conde D’Eu tiveram seu próprio salão. O Paço Isabel se abria das 6 às 8 horas, aos domingos, onde havia sempre música. Mas os príncipes recebiam com recato e simplicidade, de modo que, embora mais sociáveis que o Imperador, nunca chegaram a presidir um círculo como o da princesa e do príncipe de Gales (Barman, 2005).

Essa quase abdicação da suntuosidade da vida cortesã pela família imperial fez com que a sociabilidade do Segundo Reinado fosse policentrada, pulverizada em salões particulares. A pequena envergadura da boa sociedade brasileira obrigava ainda a uma rotação dos dias da semana entre os anfitriões, de modo a minimizar a competição pelos convivas, já que os frequentadores de todos os salões eram basicamente as mesmas pessoas.

Um dos salões mais prestigiosos era o da Condessa de Barral, preceptora das princesas e amante do imperador. Sua casa no Rio era chamada de “pequena corte”. Primando pela elegância, a Barral, outrora no comando de um salão em Paris, recebia sobretudo políticos em busca de favores imperiais (Pinho, 1959:203). A marquesa de Abrantes também tinha um salão disputado, o mais longo de todos, atravessando o Segundo Reinado. Em seus bailes, concertos, jogos, representações e tertúlias compareciam diplomatas, políticos, homens de letras e de negócios.

Havia distinções partidárias, com salões mais liberais e outros mais conservadores. O de Cotegipe, que funcionou desde 1876 até o fim do Império, tinha por habitués os membros do Partido Conservador, artistas e diplomatas estrangeiros. Funcionava às quintas, com jantares seguidos de voltarete. Havia dança, poesia e música – de Chopin, Beethoven, Strauss, Liszt. Os liberais frequentavam principalmente a casa de Francisco Otaviano, ponto de encontro de letrados, como Alencar, Macedo, Bernardo Guimarães, Taunay, Machado de Assis que usualmente liam trechos de romances em andamento. O outro salão liberal era o de Nabuco de Araújo, aberto às quintas. Comparativamente pouco abastados, os Nabuco mantinham um salão “inferior” (Pinho, 1959:317), não opulento e relativamente austero, no qual havia inclusive um

oratório. Combinava-se devoção com festa, em clima familiar. Ali despontavam as duas filhas do senador, Sinhazinha e Iaiá, muito apreciadas como cantoras. E ali debutou na sociedade o Quinquim. Foi, assim, em casa, que Joaquim Nabuco tomou contato com chefes liberais e com os membros mais destacados da sociedade de corte.

Desde seu debut, Joaquim Nabuco passou a habituê de todos os salões relevantes do Segundo Reinado: o de Otaviano e o da marquesa de Abrantes, onde se sobressaia como “pólo da elegância e inteligência masculinas” (Pinho, 1959:142). Nabuco e seu amigo Arthur, rebentos de famílias liberais, iam mesmo às soirées do conservador Cotegipe. Apesar das marcas partidárias, a boa sociedade se impunha, tornando a polidez no trato com os adversários uma exigência do bom tom.

Para além dos salões, a sociabilidade corria nos teatros e clubes musicais, como o clube Beethoven, de música de câmara. No Cassino fluminense aconteciam os mais importantes bailes e concertos da sociedade de corte, nos quais dançavam-se quadrilhas; schotish; polca; mazurca e valsa. Mas, o principal ponto de encontro público era a céu aberto, na Rua do Ouvidor, o sucedâneo brasileiro da Picadilly e da Oxford Street. Ocupada por lojas de modistas, costureiras, floristas, joalheiros, a Rua do Ouvidor era, durante o dia, o ponto de exibição das mulheres. À noite, iluminada a gás, era o passeio das famílias (Schwarcz, 1998:110ss).

Como em toda a sociedade de corte, a sociabilidade era regulada pela etiqueta e tinha por moeda forte a elegância e a arte da conversação. A maestria nesses quesitos elevou o jovem Joaquim Nabuco à posição de estrela de primeira grandeza.

Foi no seio da boa sociedade, onde convivia com os políticos brasileiros de proa e diplomatas estrangeiros, que Joaquim se solidificou como sedutor incorrigível e irresistível. Voltou-se especialmente para as mulheres maduras. No salão de Cotegipe, teve um flerte com Sarah Bernhardt, que encenava a Fedra no Rio. E no verão de 1870, em Petrópolis, se envolveu em romance rumoroso com uma senhora casada⁶, que acabara por “render-se inteiramente ao rei dos dândis” (Pinho, 1959:144). Joaquim ficou enamorado: “quisera que a felicidade me venha sempre sob a forma que tomou para mim e que eu suponho a definitiva.” (apud Carta de Sancho de Barros Pimentel a Joaquim Nabuco, 07/09/1871). O romance se prolongou, por um ano inteiro nesse “paraíso de Petrópolis, onde provavelmente estará, e mais irresistível na fascinação daquela de quem te fizeste o *caratiere servente*.” (Carta de Sancho de Barros Pimentel a Joaquim Nabuco, 23/01/1872).

⁶ Segundo Vianna Fo (1973:45), tratava-se de Carolina Delfim Moreira.

Foi esse o primeiro motivo de um plano de viagem a Londres, pois fugindo do escândalo, o marido traído zarpara com a família para a Europa. O primeiro impulso de Joaquim foi o de seguir a amada. “Trás para a Europa em março, como projetaste?” (Carta de Sancho de Barros Pimentel a Joaquim Nabuco, 23/01/1872). Concluída a faculdade, em 1870, nada havia que o prendesse ao país. Sem possibilidades de ingresso imediato na carreira do pai, uma vez que o partido inimigo estava no poder e as eleições eram sistematicamente ganhas pelo governo, Joaquim fora honrar seu diploma no escritório de Nabuco de Araújo, de alta reputação. Mas de lá saiu quase antes de entrar. Não se sentia vocacionado para a vida sisuda de advogado. Restava-lhe fazer a viagem de formação usual dentre os jovens de elite.

Entretanto, embora bem nascido, levando vida galante, faltava a Joaquim o elemento fundamental de concretização das extravagâncias típicas dos dândis: dinheiro. Uma ida à Europa era um programa demorado e dispendioso. Os ganhos do pai como jurista mal eram suficientes para sustentar o caro estilo de vida da família numerosa. A prolongada permanência dos conservadores no governo, que vinha desde 1868 e se estenderia por uma década, vedava o acesso aos postos públicos, principal fonte de ganho dos homens bem nascidos mas mal aquinhoados⁷. De casa não viriam recursos para o projeto de viagem.

Joaquim sonhou com Londres contando com uma herança deixada pela madrinha. Logo que nasceu ficara sob guarda de Dona Ana Rosa Falcão de Carvalho, batizado mesmo com o nome do padrinho, Joaquim Aurélio Pereira de Carvalho, morto pouco depois. Naquele ano de 1849, Nabuco de Araújo, reeleito deputado, mudava-se para a Corte com a família, deixando para trás o caçula. A madrinha o criaria como filho até à morte, quando Joaquim completava 8 anos.

A profunda vinculação afetiva entre a viúva e o menino separado da família alimentou no jovem Joaquim esperanças de fortuna. Completada a maioridade, tornou à Massangana com o objetivo expresso de levantar fundos para seguir à Europa. Lá chegando, todavia, se assenhoreou de muito pouco. Umhas moedas de ouro que a madrinha lhe teria guardado jamais apareceram. Ficou-lhe apenas um engenho de fogo morto, chamado Serraria. O dinheiro era insuficiente para a viagem, projetada primeiro com Sancho, depois com Arthur.

O outro meio de financiamento a tentar, como costume dentre jovens da elite, era uma bolsa de estudos do governo. Joaquim recorreu a Homem de Mello, amigo de seu pai, antes seu professor e então diretor da Inspetoria da Instrução Pública Primária e Secundária do Rio de

⁷ Rico em prestígio, Nabuco de Araújo jamais acumulou capital e vivia pedindo empréstimos: “Nabuco se fornecia no Carcellér, onde tinha crédito ilimitado. (...) Mais de uma vez a preocupação de saldar a conta do Carcellér barrou-lhe a porta dos ministérios.” (Pereira, 1931:1290).

Janeiro. Pediu-lhe que pleiteasse junto ao governo uma ajuda de custo (1 conto, mais mensalidade de 600 mil réis com adiantamento de 3 meses) para aprofundar seus estudos na Europa. Homem de Mello ofereceu primeiro um emprego⁸ e, logo em seguida, prontificou-se a intermediar o pedido: “(...) conferenciei com V. Ex^a o Ilmo Ministro do Império, e da conferência resultou que devemos aproveitar a sua próxima partida para a Europa em bem do aperfeiçoamento dos estudos entre nós. Rogo-lhe, pois, que me indique a este respeito o que mais conveniente julgar para se elaborarem as respectivas instruções (...)” (Carta de Homem de Mello a Joaquim Nabuco, 03/02/1873). A notícia alvissareira era falsa. Na verdade, a operação estava, de saída, malsinada. O governo era dos conservadores e o ministro do Império, João Alfredo, obviamente recusou a bolsa para o filho de um inimigo liberal. A boa posição na sociedade de corte permitiu a Nabuco contar com a intervenção do próprio D. Pedro em seu favor. Em vão. João Alfredo (apud Viana Fo., 1973:45) pôs pá de cal no assunto ao enunciar publicamente o motivo último da ida à Europa: “o moço quer pretexto para uma viagem romântica”.

Assim é que as finanças puseram fim ao primeiro romance de Joaquim. Nos meses seguintes, aderiu à outra moda do século, a melancolia. Nesse estado de ânimo escreveu *Le Droit au Meurtre*, folheto em refutação a Alexandre Dumas, o romancista do momento, que defendia o direito do marido de matar a mulher adúltera. O amigo Sancho enunciou a motivação do escrito: “A situação em que vive o teu coração, (...) não concorrerá para que profiras com o sentimento a tua sentença sobre a mulher adúltera?” (Carta de Sancho de Barros Pimentel a Joaquim Nabuco, 26/11/1872).

Apenas um ano mais tarde, Joaquim obteve do pai os recursos que, somados ao dinheiro e às letras de câmbio auferidas com a venda do engenho Serraria, lhe levaram finalmente à Europa. Em agosto de 1874, mês em que completava 25 anos, Joaquim zarpou no vapor Chimborazo, para aportar em Bordéus. Ao atingir a maioridade política - a idade mínima para a deputação no Império - Joaquim Nabuco negligenciava o parlamento brasileiro: preferiu debutar na alta sociedade européia.

4. Nos salões londrinos

A Inglaterra que Nabuco encontrou vivia sua lentíssima transição de uma sociedade aristocrática para outra burguesa. Ao longo do século XIX, a cidade acomodava dois movimentos em princípio contraditórios. De uma parte, o pioneirismo industrial inglês consolidara a posição

⁸ O emprego seria para “nos auxiliar nestes trabalhos de instrução pública, nos exames de Retórica, e também nos atuais de Filosofia.” (Carta de Homem de Mello a Joaquim Nabuco, 03/02/1873)

de Londres como principal centro econômico mundial. O dinamismo de um capitalismo em franca expansão abria espaço para ascensão social dos negociantes, constituindo novos grupos sociais orientados por uma ética capitalista. De outro lado, porém, Londres seguia sendo a sede da sociedade de corte, pontuada por festas imperiais, salões, clubes exclusivos, nos quais reinava a etiqueta aristocrática.

A alta sociedade não se restringia aos nobres de nascimento. O acesso era restrito, mas franqueado, a conta-gotas, para o dinheiro, o talento e a beleza, de modo que a alta burguesia de militares, juristas, médicos, financistas e industriais ia gradualmente pondo os pés para dentro. Na segunda metade do XIX, a “gentry” girava em torno de 10 mil pessoas, em larga medida habitantes de Mayfair, “la crème de la crème” da Londres residencial (Dickens, 1879). Ocupada pela alta sociedade inglesa, Mayfair tinha aluguéis igualmente altíssimos (Baudemont, 1990:77).

O centro desse mundo era, naturalmente, a família real, pólo irradiador das regras que conformavam a sociabilidade bem como todas as modas. O início do reinado de Vitória fora povoado por saraus musicais e bailes, nos quais se dançavam a valsa vienense, quadrilhas, galopes, polcas e highland reels. Também eram freqüentes os jantares de gala. A partir dos anos 1860, entretanto, o reinado de Vitória sobre a sociedade de corte virtualmente se encerrou. O luto fechado que a rainha adotou após a morte do marido, em 1861, pôs no centro da sociabilidade britânica seu filho Eduardo VII, há pouco casado com a bela Alexandra da Dinamarca. O príncipe e a princesa de Gales, ainda bem jovens, dinamizaram o sóbrio universo social inglês, pontuando-o de festas e pequenos escândalos. (Barman, 2005)

A rotina dos cortesãos, entretanto, pouco se alterou. Bailes, jantares, chás, partidas de críquete e corridas de cavalo, concertos, idas aos clubes e aos teatros, passeios ao ar livre compunham o principal das atividades sociais na cidade. Em todas elas, a etiqueta marcava rigorosamente o comportamento socialmente esperado.

A vida social tinha por núcleo principal a família. A mútua freqüentação entre elas se estabelecia por meio de um rigoroso ritual de apresentação⁹. Uma vez instalado o laço, trocavam-se convites para almoço, chá, concertos ou recitais domésticos, jantares. Os bailes e dances eram o cume dos eventos sociais em casa, aos quais acorriam de 100 a 500 convidados.

Apesar do clima, a sociabilidade a céu aberto era o outro forte da cidade. O circuito chic tinha em Piccadilly seu ponto cardeal. Lá estavam as galerias, os clubes e as compras. Oxford Street era forte em lojas e restaurantes. A gente de bom tom também comprava em Haymarket,

⁹ Na primeira visita, deixava-se apenas o cartão. Em até 10 dias, o dono da casa respondia, pretextando alguma impossibilidade, o que interrompia de vez o desenvolvimento de uma relação, ou agendava uma visita (Taine, 1871: 89).

Regent Street e em Westbourne Grove, compondo um circuito de footing. Covent Garden concentrava vendedores de flores e a Strand, os restaurantes da moda. Taine (1871) aponta o Hyde Park como o lócus principal da sociabilidade diurna. O Rotten Row, seu principal passeio público, era lugar de encontro da alta sociedade, no qual se andava pela manhã a pé, a cavalo ou de carruagem. Na alta temporada eram comuns os engarrafamentos pouco antes do horário do chá (Baudemont, 1990:79). Os parques eram também o cenário de concorridas regatas na primavera. A nobreza inglesa sempre apreciou os esportes e, na cidade, dedicava-se aos “garden parties”, reuniões no fim da tarde nas quais se combinavam críquete, tênis e flerte.

No mundo público, mas a portas fechadas, ia-se, com certa parcimônia, ao teatro e aos music-halls, gêneros antes populares, parcialmente elevados a atividades da elite na segunda metade do século XIX (Gore, 1990: 108). No fim do século, a cidade contava com 50 salas de espetáculo, com ingressos caros e disputados. Encenavam-se melodramas franceses e a obra de Shakespeare, restaurada dos “melhoramentos” feitos pelas gerações anteriores, alcançava seu auge. Os concertos românticos também causavam frisson: Liszt, Mendelson e Berlioz faziam audições freqüentes. Todavia, os espetáculos mais freqüentados pelas pessoas de bem eram as óperas italianas¹⁰.

Tudo isso acontecia durante a “season”. Entre o fim de abril e o fim de julho, período de funcionamento do parlamento, os lordes migravam de suas casas de campo para seus aposentos em Mayfair. O calendário da temporada tinha poucas variações (Smith et. al., 1849). Em abril aconteciam as exposições de pintura. Maio era o mês mais “fashionable” do ano, quando toda a aristocracia já estava na cidade; momento em que os salões e teatros, as festas e as corridas aconteciam a todo vapor. Junho era um mês mais sério, de eleições e procissões, mas também de jogos de críquete e regatas no Tâmsa. No mês seguinte, encerravam-se as sessões do parlamento e começava a debandada rumo às casas de campo (Balbi, 1842:82ss). O West End se convertia então em deserto. A gentry abandonava a cidade rumo às suas “country-houses”, nas quais, todavia, a sociabilidade prosseguia, com “race-balls, picnics, and charades”, iatismo e pequenas escaladas em Brighton (Smith et. al., 1849).

Havia ainda uma temporada suplementar de outubro a dezembro. Depois da caça à raposa no campo, a família aristocrata vinha a Londres para a caça de maridos. A temporada era o período de funcionamento do mercado matrimonial para os jovens da alta sociedade, operado

¹⁰ “La bonne compagnie ne fréquente pas les théâtres, sauf les deux opéras qui sont des fleurs exotiques de luxe (...), où le prix des places est énorme et où l’on n’entre qu’en costume de soirée.” (Taine, 1871: 285). Os museus e salões de pintura era outra atividade social disponível (Taine, 1871: 251ss).

pelas mães (Baudemont, 1990:76ss). As moças eram objeto de rigoroso controle¹¹. Seu *début* na sociedade acontecia nos “drawing-rooms”, cerimônias de apresentação à corte das filhas ou jovens esposas dos membros da Society. Esses eventos, presididos pela rainha em pessoa, aconteciam quatro vezes por ano, exigindo grande preparação de traje e etiqueta. Eram a trilha natural para o casamento. Todavia, “Se o assunto não estiver liquidado em 2 temporadas, o futuro se anuncia sombrio para a senhorita.” (Baudemont, 1990:77). Daí se entende o empenho em lotar as agendas até o ponto da estafa¹².

Foi nesse mundo que Nabuco aportou em junho de 1874. Impressionou-se com os parques e praças, com o Tâmis; com o trecho entre Chelsea e a Ponte de Londres; com Westminster, as Casas do Parlamento e a City; com o British Museum e a National Gallery (Nabuco,1900:109;112). Mas o maior impacto dessa sua primeira visita a Londres foi com o mundo elegante da alta temporada: “(...) partindo do pequeno apartment que me tinham guardado perto de Grosvenor Gardens, fui descortinando uma a uma as fileiras de palácios do West End, atravessando os grandes parques, encontrando em St. James Street, Pall Mall, Piccadilly, a maré cheia da season, essa multidão aristocrática que a pé, a cavalo, em carruagem descoberta, se dirige duas vezes por dia para o rendez-vous de Hyde Park.” (Nabuco, 1900:106).

Nabuco, de modo algum, chegava despreparado para a vida elegante. Embora acanhada e provinciana, a sociedade de corte brasileira era o mundo no qual fora educado. E, se havia diferenças de refinamento e de escala, os princípios de hierarquia, distinção e prestígio eram sempre os mesmos. Além disso, parte do estilo de vida elegante Nabuco já adquirira durante sua longa estadia em Paris, onde vagara por cinco meses em companhia de Rodolfo Dantas e José Caetano de Andrade Pinto, marido da irmã de Arthur, Carlotinha. Lá tentara contato com o maior número possível de notáveis na política e nas letras. Como ele próprio testemunharia mais tarde: “Em 1873 (...), a minha ambição de conhecer homens célebres de toda ordem era sem limites (...). Do mesmo modo com os lugares.” (Nabuco,1900: 45). Visitara Thiers, em companhia do barão de Itajubá, diplomata brasileiro em Paris. Também conhecera Jules Simon, George Sand, Renan, Victor Schoelcher, mas não fora recebido por Littré. Tivera encontros com Saint-Hilaire e com seu ídolo Renan. Assistira ainda “as sessões da Assembléia Nacional ao lado da adorável Madame de Pourtalês, ouvindo os debates do processo Bazaine em uma cadeira atrás do acusado e conversando com o autor do Anti-Cristo (...).” (Carta de Sancho de Barros Pimentel a Joaquim

¹¹ Jamais iam desacompanhadas e não podiam ceder mais que 3 danças ao mesmo rapaz. Os gêneros ficavam fisicamente divididos: “ (...) o grupo de homens de pé no centro e as mulheres sentadas em volta (...).” (Perrot, 1991:126).

¹² “And there is no repose (...); the last parties going home to dinner meet the first coming down to the operas or theatres.” (Smith et. al., 1849)

Nabuco, 17/01/1874). Com o amigo Arthur conheceu Strasburgo, e foi em sua casa, em Grosvenor Gardens 32, que se hospedou quando finalmente chegou a Londres.

Nabuco aportava no auge da season. E Mayfair exigia adaptação. Conforme o costume no Brasil, Nabuco aprendera francês desde pequeno, mas seu inglês era ainda tosco e sem uso (Nabuco, 1900: 56). O Barão de Penedo, pai de Arthur e amigo de juventude de Nabuco de Araújo, foi quem o ressocializou nos costumes ingleses, no rigor de sua etiqueta e no manejo da conversa amena dos salões. Embaixador brasileiro na principal capital européia, Penedo era um homem culto, bom-vivante, que adquirira os traços característicos de um English gentleman, usando mesmo “roupas de doutor de Oxford” (Nabuco, 1900:118). Vivendo por mais de 30 anos na área elegante da cidade, o casal Penedo mantinha antigas e sólidas ligações com a boa sociedade. “A legação do Brasil em Londres, sob o regimento, Penedo exerceu socialmente um prestígio que nem antes nem depois as circunstâncias reproduziram, realçado pelo fausto material. À custa de sua fortuna particular [mantinha] as mesmas carruagens espetaculosas, a mesma criadagem imponente das grandes casas inglesas.” (Nabuco, 1929:43). As recepções na mansão eram parte do circuito da sociabilidade londrina, freqüentadas pelas melhores famílias do West End: “vinham à Legação príncipes estrangeiros reinantes ou destronados” (Nabuco, 1900:121).

No período em que Nabuco foi assíduo dos Penedo, entre 1874 e 1876, além da gente da casa - Arthur, sua irmã Carlotinha e o marido José Caetano de Andrade Pinto - iam ao salão estrangeiros e ingleses com vínculos no Brasil. Apareciam invariavelmente o melhor amigo do Barão, Clark, correspondente do *Jornal do Comércio*; Youle, “o oráculo na City, nos grandes bancos, quando se trata de interesses comerciais entre os 2 países.” (Nabuco, 1900:119-120); John Samuel e Saraiva que haviam morado no Brasil; os marqueses espanhóis de Casa la Iglesia, - “o mais belo homem do seu tempo” - e o italiano Fortunato (Nabuco, 1900:118). Lá, Nabuco também encontrou a nobreza da terra, a gente de bem de Belgrávia e Mayfair e mesmo o casal *fashion* da família real inglesa, a princesa Alexandra e o príncipe de Gales. E também fez contato com os grandes negociantes que se estabeleciam, como Alfredo Rothschild.

Nabuco rapidamente estabeleceu ou reativou relações com brasileiros vivendo na cidade. Juca Paranhos, Silveira Mota e João Arthur de Sousa Correa tornaram-se seus companheiros preferenciais nas repetidas ausências de Arthur. Por meio dessa ampla rede de contatos sociais, Nabuco foi naturalmente integrado à rotina da season. Apreciou todos os eventos da moda, indo às corridas de cavalo no Derby e em Ascot; passeando-se pelo Hyde Park, por Charing Cross, pela Oxford Street e por Piccadilly, onde morava Correa; comparecendo mesmo ao “drawing

room”. Como relembriaria pouco mais tarde: “à noite jantamos no Club e vamos a um teatro qualquer. Amanhã sábado é a vez de irmos à Gaiety. Londres como vê é sempre o mesmo”. (Carta de Joaquim Nabuco ao Barão de Penedo, 11/02/1881, CA.).

Logo aderiu aos modismos. Nas roupas, Nabuco repetiu o padrão inglês indo à fonte: o alfaiate Poole e o sapateiro Malmstron, de Burlington Arcade, que eram o fino da moda. Usava “uma roupa de um xadrez tão vistoso que fora da Inglaterra, onde era moda, chegava a parecer excêntrico” (Nabuco, 1929: 38). Passou a usar brilhantina no bigode e ainda mandava ondular os cabelos (Viana Fo.,1973:66). Nos flertes, manteve seu próprio estilo, preferindo os salões como cenário para suas conquistas. A principal desse período foi Mary Schlesinger, filha de um dos amigos de Penedo.

Assim, as atividades de Nabuco em Londres nesse período estiveram exclusivamente voltadas para a sociabilidade, preocupado em não perder nenhum evento social relevante, em replicar o apuro aristocrático no vestuário e em fazer a corte às moças. O que primeiro fascinou Nabuco em Londres foi o requinte e a sociabilidade da sociedade de corte: “sofri o magnetismo da realeza, da aristocracia, da fortuna, da beleza.” (Nabuco,1900:123).

5. Nabuco romântico

Mergulhado na intensa vida social inglesa, Nabuco curava a ressaca de um noivado rompido.

O romance era recente, começara na viagem no Chimborazo¹³. A noiva era Eufrásia Teixeira Leite, filha de Anna Esméria Corrêa de Castro e de Joaquim José Teixeira Leite. Ambas as famílias eram proprietárias de grandes fazendas de café no Vale do Paraíba, tendo o pai se dedicado com sucesso ao comércio da produção regional. Além do patrimônio vultuoso, a família contava com grande capital social. Por parte de mãe, Eufrásia era neta do Barão do Campo Belo, enquanto o avô paterno era o Barão de Itambé, por sua vez irmão do Barão de Vassouras, ambos ilustres membros do partido conservador e da corte do imperador. Eufrásia fora finamente educada e sua casa era parada obrigatória do circuito social fluminense.

O talhe impecável, mais os cabelos muito pretos e os olhos muito vivos de Eufrásia devem ter chamado a atenção de um Nabuco namorador. Como todas as mulheres elegantes de seu tempo, Eufrásia usava o vestido “império”: cintura alta, afinada pelo espartilho, que, em par

¹³ Há indícios, todavia, de que tenha tido início antes, ainda no Brasil, como se vê por essa carta de Sancho Barros Pimentel a Joaquim Nabuco em 06/03/1873: “Então vais deveras à Europa? O Sr. Mamede disse-me que estavas para casar. Achei inverossímil, mas tu que sabes quanto me interessa tudo que te diz respeito me dirás”.

com o amplo decote “princesa”, ressaltava os seios e fazia do corpo uma taça (IPHAN, s/d). As saias eram cheias atrás, graças às anquinhas¹⁴, e terminavam apertadas e excessivamente longas, com caudas. As mangas justas ocultavam parte do braço, que portava bolsa, sombrinha, leque e buquê, os acessórios indispensáveis. As jóias eram sempre pérolas. O cabelo era preso atrás num “chinó” de tranças ou cachos, completado por um chapéu muito pequeno, caído sobre a testa (Laver, 1989:191;198; 193;196).

Mas o que prendeu Nabuco tão longamente a Eufrásia estava, por certo, para além dos atributos exteriores. A Eufrásia que Nabuco conheceu, em 1873, tinha um ano menos que ele; era uma solteira tardia, embora ainda não solteirona, num tempo em que as moças subiam ao altar na adolescência. E era, sobretudo, uma mulher livre. Nos dois anos anteriores, perdera sucessivamente a mãe e o pai. A orfandade a transformara, assim como à sua irmã Francisca Bernardina, cinco anos mais velha, em herdeiras de vasta fortuna (Melo & Marques, 2002:19). Maiores de idade, não estavam mais sujeitas ao regime de tutela. Assim, ambas foram alçadas ao estatuto raro para as mulheres oitocentistas de independência jurídica e econômica. Tal situação não podia, evidentemente, ser vista com bons olhos pela família remanescente em Vassouras, berço da tradição conservadora brasileira. Ficando no Brasil, as irmãs Teixeira Leite seriam alvo certo do protetorado social da família, que teria encaminhado seus negócios e casamentos. A viagem no Chimborazo era uma fuga. Eufrásia e Chiquinha transferiam residência para Paris, onde se julgavam a salvo do controle familiar direto.

Eufrásia prendeu Nabuco à França por cinco meses. “Como será boa a vida em boa companhia e os jantares no Café Anglais. Isto sem falar no que, talvez mais que tudo, te entretenha e que eu não quero indiscretamente falar (...)” (Carta de Sancho de Barros Pimentel a Joaquim Nabuco, 13/11/1873). Juntos foram à Comédie Française, ver Molière, e seguiram para Versales.

O casamento foi uma decisão rápida. Apenas um mês depois de aportar em Paris, Nabuco pediu ao pai a remessa dos documentos indispensáveis para a oficialização imediata e discreta da união. As razões do segredo? A oposição certa do Barão de Vassouras. Já Nabuco de Araújo aprovou o enlace semi-secreto – “projeto por nós tão abençoado” (Carta de Nabuco de Araújo a Joaquim Nabuco, 24/12/1873) -, animado decerto pelo dote da noiva. Disso é prova o rápido envio da documentação. Mas a notícia acabou vazando na Corte. Adveio o veto familiar (Viana

¹⁴ O principal elemento da vestimenta feminina da metade do século XIX fora a crinolina, espécie de anágua de arcos de arame, grande e simétrica, terminando em cauda (Laver, 1989:188). A crinolina foi progressivamente deslocada para trás, restringindo-se em tamanho e volume. Nesse novo formato foi renomeada de “anquinha”.

Fo.,1973: 51). A correspondência não enuncia o motivo, mas várias características do noivo não seriam, por certo, alvissareiras para a família Teixeira Leite. Antes de mais nada, o moço era filho de um líder liberal, enquanto os Teixeira Leite eram a nata dos conservadores. Os dois lados tinham se enfrentado diretamente quando Nabuco de Araújo, ministro da Justiça, tentara uma reforma judiciária, em 1854¹⁵. E, embora nessa época não fosse politicamente muito ativo, Joaquim Nabuco já manifestara simpatias pelas medidas emancipacionistas do Gabinete Rio Branco, que decretara a lei do Ventre Livre dois anos antes. Os Teixeira Leite, de sua parte, tinham feito fortuna à base da economia escravista. Além disso, diante da opulência da donzela, o mancebo era pobre e, mesmo filho de um estadista do Império, sem carreira certa, nem emprego fixo. Some-se ainda o contraste entre a reputação ilibada da moça e a fama de D. Juan que o rapaz carregava desde o romance com Carolina Delfim Moreira.

Sem as bases do casamento tradicional, o compromisso familiar, o romance entre Nabuco e Eufrásia dependia fortemente da confiança mútua que não lograram construir. A inclinação para a coqueteria foi talvez a razão imediata para o colapso do noivado. Diante dos galanteios constantemente distribuídos pelo noivo, Eufrásia evidenciou seu temperamento forte numa cena de ciúmes no reveillon de 1874. Em fins de janeiro, o namoro já estava rompido. Na fossa, Nabuco seguiu viagem. Viu a neve e o Papa. Em Nápoles, sofreu uma “crise poética”; purgou a melancolia retornando aos versinhos - *Couchante dans la Foret Vierge*, dedicados a Victor Hugo. Mas, em pouco tempo, a alma volúvel do dândi reassomou. Nabuco empreendeu então o passeio da moda: uma excursão ao Vesúvio (Viana Fo.,1973:55). Logo retornou à vida de D. Juan, registrando no diário as mulheres que cortejava: a americana Mrs. Edson; Mme de Gabrielle; a condessa Moszczenska e sua sobrinha. Voltou à Roma de braço com a condessa, em tempo de acompanhá-la aos bailes de carnaval em suntuosos palácios.

Uma carta do pai chamou-o de volta ao compromisso com Eufrásia. Nabuco de Araújo repreendia o comportamento do filho evocando, primeiro, a lógica do amor romântico: “que noivo é este tão livre e isento do seu compromisso? Se não tem amor à tua noiva, não cases (...). Meu filho, olha para a realidade das coisas, segura-te a ti mesmo neste mundo de inconstâncias e vaidades.” Em seguida, reiterava a etiqueta do mundo aristocrático: “Se não casares, que papel fizemos aqui? Quando todo o mundo sabe que o casamento está ajustado (...).” (Carta de Nabuco de Araújo a Joaquim Nabuco, 18/02/1874). O melhor amigo confirmaria: “Notícias tuas que,

¹⁵ O próprio Joaquim Nabuco (1897:197) narraria depois a reação contra a proposta de reforma judiciária de Nabuco de Araújo durante o ministério Paraná por parte do: “ ‘movimento de Vassouras’, onde tinha sua sede a opulenta família Teixeira Leite (...), a esse veto da grande propriedade fluminense foi sacrificada a reforma no Senado.” (Nabuco, 1897:197).

apesar de incompletas, chegam-me de todos os lados.” (Carta de Sancho de Barros Pimentel a Joaquim Nabuco, 19/03/1874).

Ainda em Roma reencontrou Eufrásia, acompanhada da irmã. Reconciliação. Seguiram juntos para Veneza. Depois a Milão, assim como aos Alpes e ao lago Ouchy, na Suíça. O idílio era completo. Nabuco apaixonado o transpôs para os versos que, sempre pernóstico, publicou em francês: *Amour et Dieu*¹⁶.

Em junho de 1874, já em Paris, novo desentendimento. Findo o dinheiro, Nabuco se via premido a voltar ao Brasil. Mesmo para pleitear um posto na Europa, como em seguida faria, precisava regressar à Corte. Eufrásia instalara já residência na França e não cogitava tornar nem provisoriamente ao Brasil, onde, aliás, o casamento talvez trouxesse escândalo. Seu único elo consangüíneo direto, a irmã Chiquinha, antipatizava francamente com o noivo. No diário, Nabuco registrou: “Em Versalhes. No hotel do Louvre. Desfeito o casamento.” (apud Viana Fo.,1973:58).

Nabuco escreveu ao pai informando o novo fim de noivado. Nabuco de Araújo lamentou o malogro e ordenou: “(...) debes voltar quanto antes à tua pátria e ao seio da tua família.” (Carta de Nabuco de Araújo a Joaquim Nabuco, 10/06/1874). Todavia, ao invés de se dirigir a Bourdéis, de onde partiam os navios para o Brasil, Nabuco repetiu o comportamento subsequente ao primeiro rompimento: prosseguiu sua vida de flâneur.

Foi então que, primeira vez, aportou em Londres: findado o dinheiro da herança, perdido o dote de Eufrásia.

6. Funcionário

Apesar do “desejo de parar ali para sempre”, e de “um começo de anglomania” (Nabuco,1900:56), a primeira visita de Nabuco a Londres durou apenas um mês. Atendendo, por fim, aos rogos do pai, retornou a Bourdéis, via Paris, para tomar o vapor de volta para casa. Ao todo, passara um ano na Europa, vira museus e igrejas, fizera contatos com intelectuais e políticos, se extasiara com a alta sociedade européia. Tendo partido para curar um mal de amores, ensaiara um casamento que também não vingou.

No Rio de Janeiro, Nabuco retomou sua rotina de cortesão. O apuro do dândi tornou-se ainda mais elaborado, valendo-lhe novo apelido: Narciso (Nabuco, 1929:37). Na season

¹⁶ A coletânea incluía poesias dedicadas a amigos e amigas e seria publicada em Paris por J. Claye, como, aliás, a maioria dos livros brasileiros na época. Pronta a impressão, Nabuco enviou o livro a Renan, George Sand e Scherer.

brasileira, em Petrópolis, voltou a frequentar a boa sociedade e a fazer a corte às moças. O novo alvo foi Anne Partridge, filha do ministro dos Estados Unidos no Brasil¹⁷.

Para matar o tempo, Nabuco exibia “conhecimentos” adquiridos durante a viagem. Promoveu 3 conferências na Corte sobre pintura – a Escola Veneziana, Rafael e Miguelangelo. Conseguiu que o próprio Imperador estivesse dentre os assistentes e logrou publicar suas falas em *O Globo*, dirigido pelo jovem Quintino Bocaiúva. Foi esse o passaporte para ingressar no jornal como colunista. Em agosto de 1875, começou uma sessão de crítica literária aos domingos, na qual, na verdade, comentava um pouco de tudo. Vaidoso de sua estadia recente na Europa, o jovem Nabuco comentava com petulância a encenação das peças de José de Alencar que, além de já estabelecido como romancista, era conselheiro de estado e membro influente do Partido Conservador. Na polêmica que se seguiu¹⁸, Alencar o chamou de fanfarrão e filhinho de papai e arrematou: “Quis tornar-se tribuno, e gorou; (...), lembrou-se de escrever em francês e criou uma nova língua; voltando da Europa, exibiu-se em uma conferência como professor de artes; e finalmente apareceu na imprensa como folhetinista (...). O prurido de mostrar-se, a impaciência de tornar-se alvo da atenção pública (...) esse ergotismo insôfrego (...). É preciso aplicar um tônico ao orgasmo da vaidade (...)” (Alencar, *O Globo*, 7/10/1875 apud Coutinho, 1965:60).

A polêmica com Alencar redundou na perda da coluna em *O Globo*. Nabuco decidiu-se então a produzir uma revista própria, imitando a *Vie Parisienne*. *A Época*, em parceria com Machado de Assis, de quem Nabuco se aproximara na redação de *O Globo*, durou 2 meses e 4 números. Por desfastio, pôs-se a escrever um longo poema em francês, sobre a Alsácia-Lorena: *L’Option*, que concluiria em 1877.

Dezoito meses depois do retorno da Europa, Nabuco estava ocioso. O fato é que, aos 26 anos, 5 anos depois de formado, não tivera ainda nenhum emprego e sua carreira como galanteador também não resultara em casamento vantajoso. Desalentado, reclamava a outro colega de *O Globo*, agora em Nova York: “Cada dia mais eu te invejo – fazendo votos para que não voltes tão cedo a esta capital do café.” (Carta de Joaquim Nabuco a Salvador de Mendonça, 25/12/1875, CA.). Mas não tomou nenhuma iniciativa. Coube ao pai achar-lhe ocupação.

Nabuco de Araújo tentava, antes de tudo, pôr os filhos no seu trilho. Tanto Joaquim quanto Sizenando tinham sido lançados à deputação em 1872¹⁹. Em 1876, o senador repetiu seu

¹⁷ Em 1874, presenteou a moça com um papagaio (Carta de Anne Partridge a Joaquim Nabuco, 1874).

¹⁸ Para uma análise da polêmica, veja-se Alonso, 1996.

¹⁹ “Candidato pelo Espírito Santo? Por menos provável que a cousa te pareça, eu creio muito na tua estrela.” (Carta de Sancho de Barros Pimentel a Joaquim Nabuco, 19/07/1872).

projeto com idêntico resultado: o Partido Conservador - que detinha a chefia de gabinete - bloqueou a eleição dos candidatos liberais.

As boas relações de Nabuco de Araújo na sociedade de corte, todavia, permitiam tentar outra carreira: a diplomacia. Os postos públicos eram preenchidos por indicação e foi assim que Joaquim Nabuco pôde pleitear a única posição que realmente o fascinava a essa época: um emprego na legação brasileira em Londres. Todavia, todos os chefes liberais, desalojados do poder político pela longa dominação do Partido Conservador, tentavam simultaneamente a mesma via. Os cargos diplomáticos eram, em decorrência, disputadíssimos. A Legação de Londres era objeto do desejo também do amigo Arthur, o filho de Penedo. Nabuco acabou adido de legação nos Estados Unidos, nomeado por um ministro dos estrangeiros conservador, mas cuja casa freqüentava: o Barão de Cotegipe. Tratava-se de “(...) uma sensível redução de pretensões anteriores, porque, ao sair da Academia, creio que só o lugar de ministro me teria contentado.” (Nabuco,1900:101).

Antes de assumir seu primeiro emprego público em Washington, exercido entre 1876 e 1878, Nabuco, a pretexto de evitar os pequenos navios que faziam a linha Rio-Nova York, tornou à Europa. “Estou em Paris, em apenas uns 3 dias, sigo a parar uns 8 em Londres e por volta do dia 22 seguirei para NY. “(Carta de Joaquim Nabuco a Salvador de Mendonça, 07/06/1876, CA.).

Em Paris, reencontrou Eufrásia. A moça manteve-se distante: “(...) a reserva que mostro na sua passagem por Paris (...) quis dizer que se nos não podíamos fazer senão mal, devíamos esquecer o passado (...)” Mas acenou com possibilidades: “(...) Se não podemos discernir os nossos sentimentos, o que é certo é que da minha parte não é ódio.” (Carta de Eufrásia Teixeira Leite a Joaquim Nabuco, 04/07/1876).

De Londres, Nabuco escreveu-lhe. Agora com carreira encetada, postulava um reatamento. A retomada do romance foi precedida por um balanço de mágoas. Eufrásia, embora cordata, manteve sua posição de residir na Europa: “O que pareceu me quase impossível seria habitar o meu país e ser lá feliz ou o que é muito mais importante fazer a felicidade de outra pessoa.” (Carta de Eufrásia Teixeira Leite a Joaquim Nabuco, 04/07/1876). O ponto de litígio perdurava. O casamento aparecia como possível obstáculo à carreira política de Nabuco, postulada mais por sua família que por ele próprio, mas pomo de freqüente discórdia do casal. “Não exigi, nem exigirei nunca que se sacrifique por mim, e não serei eu que o impedirei de cumprir os seus deveres, se o fizesse o senhor teria toda a razão em recusar-se a isso. (...)” (Carta de Eufrásia Teixeira Leite a Joaquim Nabuco, 04/07/1876).

Eufrásia propôs um encontro na Normandia, mas em companhia da irmã, para não se comprometer. Nabuco adiou a viagem para os Estados Unidos. O romance reacendia e com ele retornava o impasse. Diante da possibilidade concreta de casamento, agora era Eufrásia quem vacilava: “Tua carta deixou-me muito embaraçada. Estou em um estado de alma o mais aflitivo possível, não posso agora discernir bem os meus sentimentos. Eu lhe escreverei aos Estados Unidos.” (Carta de Eufrásia Teixeira Leite a Joaquim Nabuco, 07/1876).

Nabuco, de sua parte, forçou uma decisão rápida, que lhe foi, outra vez, contrária: “Se temos de nos dizer adeus para sempre, como deseja, é porque já nos fizemos bastante mal um ao outro, tenho muito que me fazer perdoar, quanto a mim se tive alguma coisa a perdoar a muito tempo está feito.” (Carta de Eufrásia Teixeira Leite a Joaquim Nabuco, 07/1876). A nova ruptura valeu-lhe outra admoestação do pai: “Deixas uma moça bela, rica e inteligente” (apud Viana Fo.,1973).

Reiterada sua condição de solteiro, Nabuco deixou Londres. Partiu de Liverpool para Washington pelo *Germanic* da *White Star* no dia 22 de julho de 1876.

O deslumbramento pela sociedade aristocrática, tão marcado na alma de Nabuco, não encontrou bases no mundo americano. Chegando em Washington atrasado, em agosto, encontrou o escritório brasileiro às vésperas das férias de verão - “a legação nestes 2 dias vai debandar”. E não gostou da cidade: “volto à Nova York sem demora” (Carta de Joaquim Nabuco a Salvador de Mendonça, 07/08/1876, CA.). Em Manhattan, alugou um quarto no Hotel Buckingham, na 5ª avenida com 50th Street, onde vivia Saldanha da Gama, e se integrou à vida boêmia dos brasileiros lá residentes, como Salvador de Mendonça e José Carlos Rodrigues.

Com tolerância do ministro do Brasil nos Estados Unidos, Antonio Pedro de Carvalho Borges, Nabuco acabou fixando residência em Nova York, de onde enviava seus despachos. Lá retomou sua vida de namorado, gabando-se de ter reunido 33 endereços femininos na cidade: Mrs. Charles Hamilton, Miss Wolfe, Mrs Plac, Anne Patridge, que retornara com a família aos Estados Unidos. Por alguns meses, Eufrásia ficou nublada por Fanny Work, 19 anos, que morava em Madison Square 13. Mas o romance durou pouco. “Minha campanha social em NY pode-se dizer que foi um fiasco (...), essa pessoa inutilizou toda a minha longa estada.” (Diário de Joaquim Nabuco apud Viana Fo.,1973: 74).

O bom vivant permaneceu ativo. Durante o ano, fugiu ao trabalho para viajar a Saratoga Springs. Enjoado dos Estados Unidos, em junho de 1877, conseguiu licença de 6 meses sem vencimentos. Foi ver as cataratas do Niágara. Conheceu as irmãs Bush, proprietárias de um “chateau” próximo ao hotel, que começou a frequentar. Esta corte estendeu sua estadia. Fez

excursões pelo campo e planejou conhecer Montreal, Quebec e Boston, mas sem muito método: “Tenho prazer em alterar meu itinerário cada dia”. (Carta de Joaquim Nabuco ao Conselheiro Antonio Pedro de Carvalho Borges, 08/07/1877).

Mas o destino final era sempre o mesmo. Em carta de 31 de julho Nabuco anunciava a Viana de Lima, da Legação Brasileira, sua ida a Londres. O colega lhe dava, em contrapartida, a possibilidade de abrir uma vaga na Inglaterra com sua própria ascensão ao posto de secretário. Mas, alertava para os percalços típicos da carreira: “Supõem (...) que nós aqui temos uma vida cheia de gozos e de prazeres, desfrutando gordos ordenados? Venham para cá os que assim pensam; passem alguns anos nestes climas inóspitos, em terra estranha, longe da família e amigos, sem relações de intimidade, lutando com toda a espécie de privações, pois o que o Estado paga mal chega para viver (...). triste residência nesta Londres, que detesto.” (Carta de C. A. Viana de Lima a Joaquim Nabuco, 16/08/1877).

Mas Nabuco adorava. Diante da perspectiva de um posto aberto, o pai tentou imediatamente transferi-lo para a Inglaterra. Cotegipe, ainda ministro dos estrangeiros, ofereceu Portugal. Os Nabuco não aceitaram. Na concorrência pelo posto em Londres, estava outra vez o amigo Arthur, então em Roma. O próprio Penedo lhe escreveu, em tom formal: “Caro Sr. Nabuco. Muito sinto saber pelo Arthur que V. parece não acreditar na realização dos seus projetos. Refiro-me à sua vinda a Londres. Se dependesse de mim V. os veria realizados.” (Carta do Barão de Penedo a Joaquim Nabuco, 16/05/1877). Não era verdade. Arthur ganhou o posto afinal.

Com o novo malogro, a família incentivou Nabuco a usar seu retorno à Europa para efetivar o casamento com Eufrásia. Ciente da oposição dos Teixeira Leite, o cunhado lhe escrevia: “(...) naturalmente esperamos todos que destine ao menos uma pequena parte desse tempo a vir ver-nos, ainda que já casado com uma mulher bonita e rica. (...). Aqui está o teu amigo Barros Pimentel (...) apaixonado por uma rapariga com quem o pai não quer que ele se case. (...); o que falta é que te aconteças o mesmo!” (Carta de Hilário de Gouvêa a Joaquim Nabuco, 30/06/1877). Em agosto, Nabuco escreveu à Eufrásia, propondo ler-lhe seu drama *L’Option* em outubro. Ela respondeu cortês: “Em Paris, estamos morando na rua d’Albe, n 1 e aí tencionamos passar o inverno (...). Ouviremos com muito prazer o seu drama e as suas impressões sobre os Estados Unidos. Não tema nos aborrecer.” (Carta de Eufrásia Teixeira Leite a Joaquim Nabuco, 28/08/1877).

A promessa ficou em suspenso. Chegando em Londres em outubro de 1877, Nabuco reingressou na vida boêmia e no circuito de Grosvenor Gardens. Lá conheceu Minnie Stevens, a

quem ofereceu *O Livro da Felicidade* – coletânea de citações de escritores sobre o tema. Essa nova conquista fez com que o dândi temporariamente se esquecesse de Eufrásia. Nabuco não fora a Paris, conforme o combinado, onde Eufrásia o esperara: “Há um mês chegamos em Paris, supunha aqui encontrá-lo, porém, não o vendo chegar até agora, penso que mudou de idéia. (...) e como desejo vê-lo, espero que me mandará dizer o que resolveu.” (Carta de Eufrásia Teixeira Leite a Joaquim Nabuco, 23/11/1877). Dois meses mais tarde, ela resumia ressentida a situação em que o namorado a pusera: “(...) viemos da Suíça, mais cedo do que desejaríamos, para esperá-lo ou encontrá-lo em Paris. Um mês depois não o vendo chegar, escrevi-lhe (...). Esperei outro mês pela sua resposta, não a recebendo (...) não sabendo o Sr. o que vai fazer (...) qualquer combinação dificilmente terá algum resultado. (...)” (Carta de Eufrásia Teixeira Leite a Joaquim Nabuco, 30/01/1878).

Enquanto o romance tornava a desandar, no Brasil, o pai lançava sua candidatura em ausência, por Pernambuco. Os liberais subiam ao gabinete, mas, pela terceira vez, o nome de Joaquim Nabuco não emplacaria. Os irmãos estavam já encaminhados: Sizenando fazia boa carreira como advogado, “sempre atarefado com causas de 50:000\$ para cima” (Carta de Hilário de Gouvêa a Joaquim Nabuco, 21/03/1877). Seu outro irmão, Victor, “coloniza o Paraná” e “já vai conseguindo ajuntar em pecúlio de alguns contos de réis” (Carta de Hilário de Gouvêa a Joaquim Nabuco, 30/06/1877). O amigo Sancho, igualmente, se estabelecera: “Agora venho entrar em concurso para uma carteira do colégio de Pedro 2º”. (Carta de Sancho de Barros Pimentel a Joaquim Nabuco, 15/12/1877). Em contraste, Joaquim Nabuco, ao completar 28 anos, continuava sem posição fixa, desdenhando o único posto que obtivera nos Estados Unidos. Registrava no diário por essa época seu sentimento de incerteza ainda acerca da profissão a seguir e reconhecia: “Eu cometi um grande erro vindo a este país; em vez de estudá-lo (...) quis divertir-me com as mulheres...” (apud Viana Fo., 1973:76-7).

Mas as oportunidades mudavam. Depois de uma década de ostracismo, o Partido Liberal tornava ao poder. Todas as portas se abriam. A situação liberal permitiu, por fim, que a influência política do pai e a pressão social da mãe resultassem na realização do sonho de Nabuco: em fevereiro de 1878, Vila Bela, amigo de Nabuco de Araújo e novo ministro dos estrangeiros, arranhou a transferência de Joaquim Nabuco para Londres.

7. Fim de festa

No início de 1878, Nabuco se tornava finalmente adido de legação em Londres. A carreira diplomática se apresentava como perspectiva. Estabeleceu-se, então, nas vizinhanças dos Penedo, na Half-Moon Street.

A estadia na Europa favorecia a concretização do casamento com Eufrásia. Mas o projeto se configurou inviável por um conjunto de dilemas que expressavam, no nível dos indivíduos, tensões típicas da transição da sociedade aristocrática para a burguesa.

De um lado, havia a tensão entre a tradição aristocrática do casamento arranjado e o amor romântico. O casamento era entendido como aliança entre famílias, células da sociedade tradicional, produto de negociação na qual se decidia a manutenção ou expansão do patrimônio econômico, do poder político e do prestígio social. Deste ponto de vista, o laço afetivo entre os namorados estava desde sempre obstado pela incompatibilidade política e econômica das famílias. Todavia, a preponderância do interesse familiar sobre as preferências individuais começava a se fazer problemática com a ascensão progressiva do individualismo, base da sociedade moderna: “(...) quanto mais forte o individualismo, tanto mais ele se insurge contra as escolhas do grupo, os casamentos decididos ou arranjados.” (Perrot & Martin-Fugier, 1991:133). O amor romântico exprime essa tensão em sua teoria das almas gêmeas, que defende a existência de um élan, um sentimento peculiar e irrepetível despertado em dado indivíduo exclusivamente por um outro, perfeitamente complementar e absolutamente insubstituível.

O romance de Nabuco e Eufrásia se estabelecera nos padrões do amor romântico, como escolha dos indivíduos. Mas a esfera de ação de ambos estava limitada por compromissos sociais familiares. Eufrásia viveu intensamente essa situação, optando mesmo por abandonar o país, em busca de espaço próprio. Nabuco vivenciou esse conflito mais diretamente nas opções de carreira, que se lhe apresentaram prefiguradas por decisão paterna. Nesse sentido, as oscilações do namoro exprimem a tensão entre o individualismo emergente e a tradição aristocrática.

Tensão que condenava a relação a soçobrar. O amor romântico não gera a família burguesa. Os romances oitocentistas são prenhes de amores proibidos e tentativas de casamento às escondidas que desembocam na morte de um dos amantes, ou mesmo de ambos. O amor romântico não pode se realizar na sociedade aristocrática, como *Tristão e Isolda*, de Wagner, e *As Afinidades Eletivas*, de Goethe, demonstram exemplarmente. A paixão romântica tampouco é compatível com a sociedade burguesa: ao afirmar o caráter insubstituível de uma única pessoa, reage à mercantilização das relações pessoais, que exige a possibilidade de substituição de todos os componentes do mundo social.

De outro lado, o romance Nabuco-Eufrásia continha também a tensão liberdade individual aristocrática e as obrigações mútuas do casamento burguês, que nenhum dos dois noivos parecia disposto a pagar. No caso de Nabuco, isso se expressava na oscilação entre o ethos mundano e antimatrimonial do dândi e o ímpeto burguês de constituir família a partir de um vínculo amoroso. Eufrásia viveu, *mutatis mutantis*, o mesmo dilema: andando no meio fio entre a trilha convencional de desposar e, em decorrência, se sujeitar a um senhor, ainda que livremente escolhido, e a possibilidade, rara para as mulheres do século XIX, de viver em autonomia plena, sem dependência econômica nem social em relação ao marido. O impulso à individualidade e à liberdade dos dois namorados atritava com as restrições próprias do casamento, que imporia limites a ambos. Para Eufrásia, a mudança de estatuto acarretaria sérias constrações econômicas, políticas e sociais: “A mulher casada deixa de ser um indivíduo responsável: ela o é bem mais quando solteira ou viúva. (...) o marido tem o direito vigiar as visitas, os passeios, as idas e vindas e a correspondência de mulher.” (Perrot & Martin-Fugier, 1991:121;125). Assim, Eufrásia ficava emparedada entre o amor desejado e o casamento indesejável.

A condição de mulher independente de Eufrásia, sem necessidade social de se casar, foi simultaneamente o que atraiu e repeliu Nabuco. A boa vida de Nabuco reclamava um cabedal econômico que a amparasse. Dinheiro que poderia vir de um bom dote, como o de Eufrásia. Essa solução era consoante com o seu espírito de dândi: dispensaria o trabalho, sustentaria o desejo de flâneur de vagar pelo mundo e o luxo a que era afeito. Todavia, para o dândi “o casamento é o pior dos cativeiros” (Perrot & Martin-Fugier, 1991:297). A combinação entre o amor e o dinheiro poria Nabuco como o personagem de *Senhora*, de seu rival Alencar: na situação, que ele tanto combateria, de escravo.

Exprimido entre os dois pólos de tensão, aristocrático e burguês, o romance ficou combalido. Foi nesse estado de ânimo que Joaquim Nabuco recebeu, por intermédio de João Arthur de Sousa Correa, a notícia da morte do pai. A 20 de março de 1878, Nabuco de Araújo morrera de febre biliosa e de desgosto político. Quando, afinal, os liberais tinham retornado ao poder, fora Sinimbu chamado a organizar gabinete e o grande chefe Nabuco de Araújo, preterido.

Ausente o pai, Joaquim Nabuco parecia livre das amarras do mundo tradicional. Mas, sem herança, ficava prisioneiro da necessidade burguesa de ganhar o pão e fazer a vida. O cunhado lhe escreveu, relatando a preocupação de Nabuco de Araújo, já no leito de morte, com o futuro de seus rebentos: “Quando eu perguntava a razão dos gemidos dizia-me que bem sabia que ele tinha os filhos desarranjados!” A morte desorganizava a família. Gouveia procurava reordená-la, reclamando de Nabuco que retornasse e seguisse a carreira do pai: “(...) nutro esperança de que

terás tomado imediatamente passagem para o Brasil, para onde chamam-te a tua honra, o grande valor de teu pai, que via a ti como o seu natural sucessor e continuador das suas gloriosas tradições, e a tua devotada família (...).” Evocavam-se aí os valores primordiais do mundo aristocrático: a honra, a tradição, a família. Assim, o projeto individual de Nabuco de viver na Inglaterra como diplomata ia por terra, abalroado pela necessidade de salvar a família das premências materiais: “Não podes, porém, ignorar que a vinda para o Brasil (...) importa também herança (...) de sacrifícios, amarguras de toda espécie (...).” (Carta de Hilário de Gouvêa a Joaquim Nabuco, 23/03/1878).

A morte do pai fechava a juventude despreocupada de Nabuco, assim como a de Brás Cubas, personagem que seu amigo Machado poria em circulação logo depois. Se, para Eufrásia, a orfandade assegurara a situação de independência econômica, para Nabuco o mesmo estatuto significou o contrário: a incerteza financeira e a necessidade de se estabelecer por si mesmo. Isto porque no século XIX, “(...) o legado familiar (...) é igualmente uma agenda de relações, um capital simbólico de reputação, uma posição, um estatuto (...). [A família] é a maior das proteções e a pior das desigualdades.” (Perrot & Martin-Fugier, 1991:114). Num mundo em que os pais usualmente legavam propriedades e agenciavam empregos e casamentos, a única herança a aguardar Nabuco era o nome. Da noite para o dia, perdera a condição de protetorado que garantira sua juventude dissipada, típica dos jovens da sociedade aristocrática. Gouveia o exortava, por isso, a mudar seu estilo de vida: “Terás, pois, necessidade de modificar profundamente todos os seus hábitos, o teu caráter franco e altivo, terá de fazer uma modificação radical”. (Carta de Hilário de Gouvêa, a Joaquim Nabuco, 23/03/1878).

De fato. Nabuco embarcou no primeiro vapor para o Brasil outro homem. Deixava em Londres o dândi. Ao bom vivant, que nunca buscara emprego e que esnobara um bom partido para casar, sucederia o estóico, defensor de uma causa. Não podendo mais contar com o pai, Nabuco foi fazer-se a si mesmo. Começava seu período heróico.

IV. Referências bibliográficas

- Alonso, Angela. (1996), “Epílogo do Romantismo”. *Dados*, vol. 39, no. 1.
- Graça Aranha, José Pereira da. (1915), *A Mocidade Heróica de Joaquim Nabuco*. Conferência na Sociedade Cultura Artística, São Paulo. 22/04
- Araújo, Ricardo Benzaquen de. (2003), “Através do espelho: subjetividade em *Minha formação*, de Joaquim Nabuco”. *Revista brasileira de Ciências Sociais*. vol.19 no.56. São Paulo.
- Balbi, F. (1842), “Calendário da temporada”, in Charlot, Mônica e Marx, Roland. (1990) *Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed.
- Barman, Roderick J. (2005), *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. São Paulo: Editora Unesp.
- Baudemont, Suzanne. (1990), “A gentry, sua temporada e seus ritos”, in Charlot, Mônica e Marx, Roland. (1990), *Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Beiguelman, Paula. (1973), *Formação Política do Brasil*. São Paulo: Pioneira.

- Bourdieu**, Pierre. (1996), “A ilusão biográfica”. In: **Ferreira**, Marieta (Org.). (1996) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Carvalho**, Maria Alice Rezende de. (1998), *O Quinto Século: André Rebouças e a construção do Brasil*. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ-UCAM.
- Celso Jr.**, Afonso. (1901), *Oito anos de Parlamento*. Petrópolis, s/e.
- Charlot**, Mônica e **Marx**, Roland. (1990), *Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Coelho**, Henrique (1922). *Joaquim Nabuco: esboço biográfico*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia.
- Coutinho**, Afrânio. (1965), *A polêmica Alencar-Nabuco*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro.
- Dickens**, Charles. (1879), “‘Mayfair’ in Dickens’s Dictionary of London”, in Jackson, Lee (ed). (1888) *The Victorian Dictionary*. London: Victorian London Publications.
- Elias**, N. (1991), *Mozart. Sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Feuillet**, Octave. (1867), *Monsieur de Camors*. Paris: Calmann-Lévy éditeurs.
- Gore**, Keith. (1990), “Shaftesbury Avenue, as luzes da ribalta”, in **Charlot**, Mônica e **Marx**, Roland. (1990) *Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- IPHAN** - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (s/d), *Catálogo Museu Casa da Hera*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura.
- Laver**, James. (1989), *A Roupas e a Moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Machado de Assis**, Joaquim Maria. (1959), “Crônicas (1864-1867)”. *Obras Completas*. Vol. 2, Rio de Janeiro: W.M. Jackson.
- Marx**, Roland (1990). “A grandiosidade britânica”, in **Charlot**, Mônica e **Marx**, Roland. (1990), *Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed.
- Melo**, Hildete P. e **Marques**, Teresa C.N. (2002), “Riqueza e Emancipação: Eufrásia Teixeira Leite. Uma análise de gênero”. *Estudos Históricos*, no. 29.
- Nabuco**, Carolina. (1929), *A vida de Joaquim Nabuco*. São Paulo: Cia Nacional ed.
- Nabuco**, Carolina. (org). (1949), *Cartas a Amigos*. Vol I (1864-1898), vol II (1899-1909). São Paulo: Instituto Progresso Editorial.
- Nabuco**, Joaquim. (1897), *Um Estadista do Império: Nabuco de Araújo: sua vida, suas opiniões, sua época*. Vols I e II. São Paulo: Nacional.
- Nabuco**, Joaquim. (1900), *Minha Formação*. Paris: H. Garnier.
- Nogueira**, Marco Aurélio. (1984), *As Desventuras Do Liberalismo. Joaquim Nabuco, a Monarquia e a República*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Oliveira Vianna**, F. J. (1925), *O Ocaso do Império*. São Paulo: Melhoramentos.
- Pereira**, Baptista. (1931), “Nabuco de Araújo” in **Nabuco**, Joaquim. (1936), *Um Estadista do Império: Nabuco de Araújo: sua vida, suas opiniões, sua época*. Vol II. São Paulo: Nacional.
- Perrot**, Michelle e **Martin-Fugier**, Anne. (1991), “Os Atores”, in **Perrot**, Michelle (org). *História da Vida Privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Pinho**, Wanderley. (1959), *Salões e Damas do Segundo Reinado*. São Paulo: Livraria Martins.
- Plessis**, Alain et alli. (1990), “O poder: The city, fleet street, Westminster” in **Charlot**, Mônica e **Marx**, Roland. *Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed.
- Salles**, Ricardo. (2002), *Joaquim Nabuco - um pensador do Império*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- Sandeau**, Jules. (1848), *Mademoiselle de la Seiglière*. Montreal: La Société de publications française.
- Schwarcz**, Lilia M. (1998), *As Barbas do Imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Smith**, Albert et. al. (1849), Sketches of London Life and Character, in **Jackson**, Lee (ed). (1888) *Victorian Dictionary*. London: Victorian London Publications.
- Taine**, H. (1871), [11ª edição (1899)] *Notes sur L’Angleterre*. Paris: Librairie Hachette et Cie.
- Viana Fo.**, Luis. (1973), *A Vida de Joaquim Nabuco*. São Paulo: Martins/Mec.
- Vieira**, Celso. (1949), *Joaquim Nabuco. Libertador da Raça Negra*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial.